



doi: 10.20396/rfe.v13i2.8664008

Literatura Marginal: uma ferramenta na (re)construção do sujeito periférico

Marginal Literature: a tool in the (re)construction of the peripheral subject

Literatura marginal: una herramienta en la (re) construcción del sujeto periférico

Naiane Castro Sales¹

João Flávio de Almeida²

Maria Beatriz Ribeiro Prandi-Gonçalves³

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca das contribuições da Literatura Marginal como ferramenta de desconstrução e ressignificação dos sentidos historicamente estabilizados sobre a noção de marginalidade, entendendo-a como um movimento protagonizado por artistas periféricos que a utilizam como forma de evidenciar e valorizar as manifestações culturais das periferias. Nos servimos da teoria e da metodologia fornecida pela Análise do Discurso francesa, que implica a constituição de um corpus de análise a ser cotejado com o referencial teórico em questão. Tecemos considerações que levantam como este movimento de ressignificação do espaço e do lugar periférico marginalizado, construído no seio de uma dada Formação Discursiva, reflete positivamente na formação das crianças periféricas, que crescerão cada vez mais conscientizados e politizados do seu papel e da sua representatividade

Palavras-chaves: Literatura Marginal. Marginalidade. Educação informal.

Abstract:

This article aims to present reflections on the contributions of Marginal Literature as a tool for deconstruction and re-signification of the historically stabilized meanings on the notion of marginality, understanding it as a

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Desde 2015 é arte-educadora no Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores. Integra o grupo feminino de percussão Fulô do Pé Vermelho de Pradópolis.

² Pós-doutor pela Universidade de São Paulo; Doutor pelo programa de pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Docente na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

³ Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP, 2020). Atualmente é docente do curso de Pedagogia da UNAERP.

movement led by peripheral artists who use it as a way to highlight and value the manifestations cultural aspects of the peripheries. We use the theory and methodology provided by the French Discourse Analysis, which implies the constitution of a corpus of analysis to be compared with the theoretical framework in question. We weave considerations that raise how this movement of reframing marginalized space and peripheral place, built within a given Discursive Formation, reflects positively on the formation of peripheral children, who will grow more and more aware and politicized of their role and their representativeness

Keywords: Marginal Literature. Marginality. Informal education.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo presentar reflexiones sobre los aportes de la literatura marginal como herramienta de deconstrucción y resignificación de significados históricamente estabilizados sobre la noción de marginalidad, entendiéndola como un movimiento realizado por artistas periféricos que la utilizan como una forma de resaltar y valorar las manifestaciones culturales de las periferias. Utilizamos la teoría y metodología proporcionada por el Análisis del Discurso, lo que implica la constitución de un corpus de análisis para ser comparado con el marco teórico en cuestión. En el primer tema presentamos algunos de los principales conceptos que surgen del Análisis del Discurso, como la naturalización ideológica de los sentidos y sujetos a través de prácticas discursivas políticamente marcadas. En el segundo momento, discutimos cómo se llevó a cabo el proceso de consolidación y desarrollo de la Literatura Marginal en Brasil, entendiendo cómo este movimiento contribuye a la construcción de una nueva perspectiva sobre sujetos marginados. Finalmente, hacemos consideraciones que plantean cómo este movimiento de resignificación del espacio marginado y del lugar periférico, construido dentro de una determinada Formación Discursiva, se refleja positivamente en la formación de los niños periféricos.

Palabras clave: Literatura marginal. Marginalidad. Educación informal.

1 Introdução

Diante das minhas inquietações enquanto mulher negra em construção, nascida e residente em bairros periféricos, encontro o meu processo de autoconhecimento bastante relacionado com as contribuições que poetas e poetisas marginais expressam ao ressignificarem em palavras as vivências, os

conflitos e a sensibilidade de possibilitar com que, sobretudo, os negros periféricos se enxerguem, se apropriem e se despertem como protagonistas de suas próprias histórias, encontrando referências para o fortalecimento de sua coletividade e o encontro à sua autoestima historicamente negada.

Neste contexto, trazendo a Literatura Marginal enquanto temática central desta proposta, vemos que a mesma caracteriza-se como um movimento que surge em um contexto onde grupos periféricos, por intermédio das linguagens artísticas, desenvolvem o pertencimento político de utilizá-la como uma ferramenta propiciadora na desconstrução e desmistificação das visões e discursos pejorativos existentes sobre marginalidade e negritude, em um contexto social e cultural onde o negro é constituído desde cedo, perpassando os ambientes formais e informais do desenvolvimento pessoal e coletivo, a repudiar suas raízes. O que pode acarretar, em consequência, um apagamento histórico, material e imaterial de referenciais que despertem a consciência e o conhecimento étnico-racial, principalmente nesta camada social, que imersa nos efeitos que estes dizeres produzem em suas realidades, se movimentam ao contrário, assaltando o poder da palavra e propondo um processo de ruptura às práticas discursivas naturalizadas, ressignificando-as e promovendo internamente a criação de um sentimento de conexão e coletividade.

Organizada a partir de pesquisas bibliográficas com caráter qualitativo, este trabalho se dá a partir de três capítulos, buscando refletir no primeiro tópico sobre as principais contribuições advindas da Análise do Discurso, que levanta a problemática sobre os efeitos de sentidos imersos nos nossos dizeres e de como as nossas práticas discursivas construídas e mantidas ideologicamente podem impactar na construção dos sujeitos e de suas realidades. No segundo tópico, após compreendido nossas interferências nesse processo de continuação ou ruptura aos discursos historicamente estabilizados, pretende-se analisar como a Literatura Marginal, manifestação artística e cultural protagonizada por escritores periféricos, se coloca como uma ferramenta contribuinte na construção de novos olhares e práticas discursivas e ideológicas, apropriando-se da palavra literária como

instrumento político de posicionamento e reflexão. Por fim, entendendo que esse processo de ressignificação do espaço e do sujeito marginalizado reflete na movimentação de um sentimento de pertencimento e protagonismo dos sujeitos periféricos, busca-se introduzir como isso pode se espelhar positivamente nas crianças periféricas que convivem e aprendem junto as práticas educativas possibilitadas pelos meios informais de educação.

Neste contexto, permitir o entendimento, inicialmente, de como somos afetados pelos nossos dizeres e como o mesmo se estrutura em nossas realidades, constituindo efeitos e construindo sujeitos, demonstra como a partir do momento em que a periferia passa a desconstruir e desmistificar os rótulos geográficos e, conseqüentemente, raciais, na qual a eles se é demarcado, abre-se pontes para outras perspectivas de olhar, uma vez que o processo de “valorização da cultura marginal ressignifica o próprio olhar do outro.” (NEVES; NEVES, 2016, p. 223).

Despertando também na comunidade o sentimento de pertencimento, num sentido que caracteriza-se como a abertura para que os próprios marginais (re)construam a identidade negra, contrapondo-se a tudo aquilo que foi dito pejorativamente a seu respeito e propondo uma nova leitura às possibilidades de ser periférico, gerando um sentimento de pertencimento, que por sua vez, caracteriza-se como um ato político, porque se apresenta na contramão, “dando nova significação ao espaço da periferia, ajudando a criar uma representação positiva do que antes só estava associado à falta, à violência e à precariedade” (NASCIMENTO, 2006, p. 80). E chegando a compreensão de que

ao valorizarmos os atributos de um povo, ao considerarmos e respeitarmos as qualidades de sua cultura, assim como também seus direitos de expressão e, enfim, a manifestação do sujeito e de seu coletivo, sempre que houver liberdade diante disso, o ambiente torna-se propício para que o sentimento de autoestima se manifeste. (JULIO, 2011, p. 63).

E a autoestima, enquanto um sentimento que não nasce pronto, mas que é construído e impulsionado a partir das relações sociais, “se torna assim um recurso para aplacar o racismo” (JULIO, 2011, p. 66), visto que

enquanto silenciados apenas sofreram as consequências de um pensamento elitista, enquanto autores colocam no campo de jogo suas ideias e perspectivas, para que sejam também discutidas e incluídas na agenda da construção do país. (NEVES; NEVES, 2016, p. 216).

Tais gestos produzem, por conseguinte, efeitos na formação educativa das crianças periféricas que passam a desenvolver-se integralmente em um espaço onde possui referências e tem-se a si como protagonista.

2 Desnaturalizando o termo “marginal”

2.1 Sentido e Ideologia na estabilização da palavra “marginal”

A questão inicial que se coloca antes de evidenciar as mudanças de perspectivas que os sujeitos periféricos, por intermédio da Literatura, trazem para a ressignificação dos sentidos à palavra marginal, é preciso entender como o mesmo se estruturou no processo sócio-histórico de formação da ideia de marginalização, caracterizando-se até então como um discurso utilizado para discriminar grupos ou realidades sociais, impactando significativamente na construção destes sujeitos e de suas realidades.

Para isso, a Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2008; ORLANDI, 1999), estudo que orienta este trabalho, contribui na percepção da linguagem enquanto ferramenta política não neutra, que carrega em sua constituição efeitos de sentidos que não nascem com ela, mas que são construídos ideologicamente e que influenciam significativamente na formação dos sujeitos. Auxiliando na observação da fala em movimento e de como os dizeres se materializam no mundo e nas nossas relações, impactando a constituição dos sujeitos que, conseqüentemente, sofrem os efeitos que estes dizeres, quando estabilizados no imaginário social, representam e influenciam em suas realidades.

Refletir sobre práticas e discursos é provocar o inconsciente sobre as bagagens que a nossa linguagem e os nossos dizeres contribuem para a

manutenção ou a ruptura destes sentidos historicamente estabilizados, haja vista que:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise de discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 1999, p. 9).

As palavras do cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos formulados e naturalizados historicamente, por intermédio da preservação das memórias e das formações discursivas e ideológicas que influenciam na manutenção destes dizeres que significam em nós e por nós, influenciando toda tomada de palavra no presente a partir do passado, uma vez que “esses sentidos tem a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi” (ORLANDI, 1999, p. 30). Tal trabalho da memória discursiva contribui também para a formação dos sujeitos que, constituídos no mesmo instante que o sentido, agem inconscientemente para a reprodução e manutenção destes dizeres. Atentando-se que:

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. (ORLANDI, 1999, p. 35).

Tomemos como exemplo o termo “marginal”. Segundo a perspectiva da Análise do Discurso, podemos dizer que esta palavra carrega sentidos historicamente marcados por situações de exclusão e não pertencimento social, uma vez que seu encontro com noções como “fora” ou “diferente” é

bastante recorrente numa perspectiva que faz uso desta noção de diferença para classificar e hierarquizar sujeitos.

Inicialmente, a palavra marginalidade introduziu-se nos nossos dizeres a partir do contexto de urbanização acarretado após o fim da Segunda Guerra Mundial, como forma de denominar o processo na qual influenciava com que grande parte das camadas sociais passasse a se alojar nas bordas ou margens das grandes cidades, em contraste com a efervescência econômica e cultural dos centros urbanos (MAIOLINO; MANCEBO, 2005).

Nestes espaços, incluíam-se grupos que se encontravam fora do estado e da estrutura capitalista vigente, sobrevivendo nas periferias das cidades diante de uma qualidade habitacional insustentável - referindo-se as condições de saneamento, transporte, água e energia bastante precárias, o que ia na contramão do que se tinha planejado para o desenvolvimento do país. Estes movimentos “geográficos” de expulsão ou gentrificação dos mais pobres conduziram à construção e estabilização de um imaginário (ORLANDI, 1999, p. 41) sobre os sujeitos periféricos a partir dos seguintes movimentos discursivos:

Privilegiavam a marginalidade como participação na cultura da pobreza, neste caso, associada a um fenômeno psicológico-social, que se caracterizaria por sentimentos ambivalentes de não pertencimento e, ao mesmo tempo, de dependência, o que remeteria a uma carência de identidade sócio-cultural; formulações nas quais a marginalidade era tomada como fruto de um atraso no desenvolvimento econômico, vinculada à noção de que no processo de desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos, alguns grupos sempre permanecem à margem dos benefícios materiais e culturais alcançados pela sociedade nacional. (MAIOLINO; MANCEBO, 2005, p. 15).

O imaginário discursivo a respeito da palavra e do sujeito “marginal” se estabilizaram, portanto, de forma “negativa”, como algo que se encontra distante ou na contramão do que tem-se como referência ou idealização, trazendo a ideia de que “estar fora, ser diferente, não se submeter às normas homogeneizadoras, é estar excluído ou 'empurrado' para fora” (VÉRAS apud

MAIOLINO; MANCEBO, 2005, p. 17)”. Tal imaginário configura, portanto, não apenas sentidos de desigualdade, mas sobretudo de exclusão, e isso muda tudo. Logo, marginalidade passa a ser compreendida como o “resultado da dificuldade desses grupos em participarem do processo de desenvolvimento econômico e de ascensão social”. (MAIOLINO; MANCEBO, 2005, p. 16), conduzindo a um lugar “fora” dos próprios processos sociais.

Sentidos e sujeitos marginais, portanto, ganham contornos ideologicamente estabilizados, demarcando diferentes categorias, “abrangendo desde as minorias (negros, homossexuais, deficientes), assim como desempregados, pobres, sem-teto, catadores de lixo, meninos de rua” (MAIOLINO; MANCEBO, 2005, p. 18), que passaram a sofrer um duplo flagelo: um que advém da própria situação material de pobreza, e outro que decorre do imaginário discursivo que reforça e reproduz o estado de exclusão. Dito de outra forma, o trabalho ideológico-político se dá na forma de sobre-determinação (dobra, duplicação) do discurso sobre a realidade material do sujeito marginal.

2.2 O sujeito marginal

Tendo em vista a raiz da questão e o momento onde o sentido negativo à palavra marginal começa a ser estabilizado nos nossos discursos, buscar entender como se dá, a partir disto, a ampliação de seu uso, se faz fundamental para que seja possível chegar aos fins de como a Literatura Marginal representa um movimento significativo para a ruptura e reconstrução de uma nova percepção ideológica sobre o sujeito marginal.

De acordo com o dicionário online Dicio (2020), etimologicamente “marginal” origina-se do latim “marginalis”, compreendendo aquilo que é “relacionado com a margem”. tendo, por conseguinte, a denominação apropriada a tudo aquilo que se movimenta em uma diferenciação ou oposição do que se dá como centralizado. Marginal:

1. Localizado à margem de; que segue o contorno, a borda de: marginal do Tietê.

2. Relacionado com a parte lateral de uma página; colocado na margem de um livro, texto, documento: anotação marginal.
3. [Por Extensão] Que não se adapta aos princípios estabelecidos nem faz parte de um grupo, sociedade: escritora marginal.
4. [Figurado] Que foi excluído da sociedade ou prefere viver fora dela.
5. [Pejorativo] Que não respeita leis; criminoso: sujeito marginal. (DICIO, 2020).

Ampliando os efeitos de sentido que se remete a tal palavra, “marginal” é aquele que contradiz aquilo que é tido como ideal ou modelo central de referência. Dessa forma, não demorou muito para que os sentidos sobre a palavra marginal deslizassem para outros lugares discursivos, produzindo novos efeitos a respeito de condutas éticas e culturais. Aos poucos, marginal deixou de ser apenas aquilo que está às margens da sociedade, e passou a ser também aquilo que está às margens da cultura e da moral. Foi nesse instante que o sujeito e a palavra “marginal” se transformaram em criminosos.

Exemplos desse deslizamento discursivo são muito comuns. O artigo divulgado por Lessa (2019) nos apresenta de forma muito pujante um desses casos. No texto há uma abordagem buscando levantar reflexões da problemática existente entre trocas de tiros realizadas entre policiais e sujeitos tidos como suspeitos. Como manchete o texto traz a seguinte indagação: “O marginal em fuga que atira contra a polícia comete os crimes de resistência e homicídio em concurso?” Ora, de forma acintosa a palavra marginal é utilizada durante todo o texto como referência a sujeitos vistos como criminosos e transgressores da lei, ao passo que os policiais, em contrapartida, são referenciados também como agentes, servidores e administradores públicos.

Cientes de que a denominação “marginal” é colada naqueles que sobrevivem às margens da cidade, ocupando espaços fora do estado capitalista, quando os discursos associam a palavra marginal àqueles que infringem a lei, automaticamente estabiliza-se no imaginário discursivo a noção de que ocupar um espaço geograficamente marginalizado faz de todo sujeito um transgressor da moral, das leis e dos costumes do “centro”. Esses enunciados, portanto, contribuem não só para reproduzir uma visão

conservadora sobre a periferia, mas transformam tais “territórios da pobreza” em “territórios da violência” dando legitimidade as ações do Estado que constantemente operacionalizam sobre as periferias de forma homogeneamente truculenta.

O combate é ao tráfico de drogas e às facções criminosas – que de fato apresentaram expressivo crescimento a partir da década de 1990. Mas as consequências desastrosas ocorrem para seus moradores, pois as ações violentas são justificadas pelas intervenções ou incursões no espaço ‘inimigo’ (FRANCO, 2014, p. 74).

Tais ações policiais confirmam e reforçam o imaginário discursivo de violência nas periferias, e funcionam como uma profecia que se autorrealiza: de tanto associar marginalidade e violência, a periferia se torna, enfim, palco de guerras urbanas. Marielle Franco, referindo-se a população periférica do Rio de Janeiro, afirma:

O preconceito e a discriminação, que crescem com a atual ênfase na criminalização da pobreza ganha predominância na subjetividade coletiva. Tal situação se sobrepõe, inclusive, à própria objetividade das relações sociais. Por exemplo, há uma visão impregnada na sociedade de que os moradores de favelas são, em sua maioria, participantes do varejo das drogas imposto pelo tráfico na comunidade. No entanto, o censo realizado em 2000, organizado pelo IBGE em parceria com instituições locais, mostrou que menos de 1% dos moradores têm envolvimento com o tráfico local. Em outras palavras, dos 132 mil moradores, cerca de 1 mil 300 pessoas tinham algum tipo de envolvimento. (IBGE apud FRANCO, 2014, p. 61).

Entendendo que todo sujeito em sua constituição é afetado pela língua e pela história, percebemos então a atuação preponderante do discurso e da ideologia na vida material dos indivíduos, de seus corpos e de seus lugares: o fora, o outro, o diferente, o excluído.

Nas sociedades estratificadas em que vivemos, marcadas pela diferença, mas também pela dominação e intolerância, o ‘outro’ não fala. Ele é ‘falado’ pelos discursos identitários que, ao estabelecer o padrão (quem somos nós), vem exatamente posicioná-lo enquanto ‘outro’ (o ‘outro’ do ‘nós’). (FRANÇA, 2001, p. 4).

Falados, e sem a possibilidade de falar a respeito de si mesmos, os sujeitos “marginais” perdem completamente o controle sobre a constituição da própria identidade discursiva e sobre o imaginário que tecem a respeito de si mesmos. Sem capacidade de resistência discursiva, o sujeito da periferia acaba interiorizando sentidos de marginalidade moral, legal, ética, cultural, corporal e até existencial. Tais discursos estabilizados ideologicamente só se rompem ou se interseccionam quando os próprios sujeitos falados tomam para si o assalto a palavra, produzindo novos discursos e semeando novo imaginário sobre si mesmos enquanto sujeitos.

E quando esses sujeitos dominam o poder da palavra e passam a gritar uma voz que se sobrepõe às vozes externas e politicamente marcadas, abrem-se margens para novas aparições, emergindo então outros dizeres, outras possibilidades. Os marginais ganham visibilidade, mas de outra natureza, uma vez que passam a se mostrar por outras perspectivas, evidenciando aquilo que até então encontrava-se apagado no imaginário discursivo: as demais possibilidades existentes no autodenominar-se marginal. E uma das principais e mais poderosas maneiras de falar de outra maneira a respeito de si mesmo é a Literatura Marginal.

3 Literatura marginal

3.1 Ressignificação da noção de marginalidade

O processo de ruptura dos sentidos estabilizados sobre a palavra marginal é uma construção que se movimenta a partir dos percursos que se realizam entre o já-dito e o a-dizer. Enxergando esta relação, temos que:

Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, espaços do dizer. Produzem-

se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. (ORLANDI, 1999, p. 36).

Diante dos reflexos que o sentido negativo colocado à palavra marginal ainda estrutura nas nossas relações, por intermédio do processo de reprodução consequente da naturalização dos discursos, busca-se elucidar as contribuições advindas da Literatura Marginal neste contexto, como ferramenta contribuinte na ressignificação e desnaturalização dos sentidos até então colocados à palavra marginal. Para isto, torna-se imprescindível acompanhar os caminhos percorridos pela mesma, entendendo a Literatura Marginal como um movimento artístico cultural que se consolida no Brasil a partir de dois contextos e desdobramentos específicos, evidenciando grupos e ideologias distintas.

No primeiro momento, quando se associa o termo “marginal” à literatura, ainda é utilizado de forma a discriminar e a desassociar esta do que se tem como uma literatura tradicional, uma vez que se distanciava do que tinha-se como literatura padrão ou idealizada em suas características e formas de atuação. O segundo momento, na qual mais se aprofunda esta pesquisa, demonstra o processo de ressignificação que os sujeitos que passam a protagonizá-la trazem a palavra, refletindo como a mudança de sujeitos e, por conseguinte, a mudança de ideologia, representa na construção de novos discursos e perspectivas. Uma vez que:

Os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (ORLANDI, 1999, p. 43).

A expressão “Literatura Marginal” surge no Brasil a partir da década de 70, apesar da existência de artistas que já a produziam anteriormente. Inicialmente, caracterizou-se como um movimento protagonizado por artistas

de classe média-alta localizados em regiões do Rio de Janeiro, que buscavam por meio da arte evidenciar formas alternativas de produção e veiculação de suas obras, além de que as temáticas na qual se debruçavam exibiam “textos marcados pelo tom irônico, pelo uso da linguagem coloquial e do palavrão; e versavam sobre sexo, tóxicos e, principalmente, cotidiano das classes privilegiadas” (PEREIRA apud NASCIMENTO, 2006, p. 14). Temáticas e formas de escrita que se opunham aos cânones literários estabelecidos ou valorizados pelas editoras, o que deu a estes artistas o reconhecimento como participantes da “Geração Mimeógrafa”, uma vez que reinventaram formas de movimentar e produzir arte, caracterizando-se como:

Um grupo de poetas, seguido por escritores de outros gêneros, que reinventou formas de divulgação ao expor seus textos em folhas mimeografadas, depois em muros, jornais e camisetas; e de circulação, ao vendê-los em bares, cinemas, praias e outros espaços públicos de sociabilidade. (NASCIMENTO, 2006, p. 13)

O uso do termo marginal para referenciar-se a esta literatura foi protagonizado “por analistas e assim mesmo com certo temor e hesitação” (HOLLANDA apud NASCIMENTO, 2006, p. 13), que enxergavam este movimento de forma contrária, servindo, desta forma, somente para classificar “as obras literárias produzidas e veiculadas a margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos;” (NASCIMENTO, 2006, p. 1), mesmo que “nenhum dos poetas marginais atribui-se tal função, chegando mesmo a ironiza-la” (HOLLANDA apud NASCIMENTO, 2006, p. 13). Desta forma, alinhado ao que já se tinha estabilizado, associar a noção de marginalidade como forma de categorizar esta literatura vinha em busca de representar seu viés contraditório às políticas e práticas consideradas de qualidade às editoras e as correntes literárias da época.

É somente numa nova movimentação literária a efervescer-se a partir da década de 90, protagonizada por artistas escritores habitantes das periferias de São Paulo, que a Literatura Marginal passa a demarcar uma nova política

de representação, na qual os próprios escritores se apropriam da denominação ressignificando internamente os efeitos e sentidos à palavra.

Esta literatura, agora protagonizada por grupos que compõem, principalmente, as classes baixas, amplia as percepções do ser e do fazer Literatura Marginal, incluindo além do método alternativo de produção e veiculação das obras e o uso de gírias e expressões culturais das periferias, é utilizada também para retratar uma literatura de “autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais.” (NASCIMENTO, 2006, p. 1).

Ferréz já havia se utilizado da expressão ‘literatura marginal’ a época do lançamento do seu segundo livro, *Capão Pecado*, em 2000, para referir-se ao tipo de literatura que produzia e a de uma série de escritores com semelhante perfil sociológico, que estavam publicando entre o final dos anos 1990 e o começo do novo século, uma classificação representativa do contexto social nos quais estariam inseridos: a margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político social. (NASCIMENTO, 2006, p. 15).

Demonstrando que o que diferencia este movimento daquele iniciado anteriormente é que estes escritores, em sua maioria negros ou ex presidiários, oriundos das periferias urbanas, utilizam da literatura como ferramenta para evidenciar e problematizar temáticas relacionadas a realidade desigual que vivenciam, na qual muito se é discriminada e apagada do imaginário social como uma realidade que é consequente da falta de oportunidades e do lugar excludente colocado as periferias.

As construções narrativas se remetem as memórias dos escritores, retomando aspectos individuais, da infância, do trabalho, do bairro ou nostalgias da liberdade (no caso dos autores que estão na prisão), que funcionam para atualizar ou comprovar aspectos dos espaços sociais retratados. Já o que o autor chama de projeto pedagógico é o uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se a construção de um discurso que pretende ensinar ou ampliar a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundos moral e ou ético. (NASCIMENTO, 2006, p. 35)

Utilizando como temas recorrentes:

Vida e prática dos membros das classes populares e problemas sociais como: violência, carência de bens e equipamentos culturais, precariedade da infraestrutura urbana, relações de trabalho - predominantemente associados ao espaço social da periferia. (NASCIMENTO, 2006, p. 19).

Do mesmo modo, a descrição física dos cenários (das casas, das favelas, das ruas sem asfalto, do esgoto a céu aberto etc.) e das características das personagens (negros humilhados pela polícia e pela sociedade, mães que se tornaram arrimo de família, pais alcoólatras, jovens sem oportunidades educacionais e de trabalho, trabalhadores explorados por maus patrões, vizinhos solidários) que estão relacionados aos problemas encontrados neste espaço. (NASCIMENTO, 2006, p. 34).

Por intermédio dos desafios colocados a estes sujeitos, visto que o ser marginal a muito foi estabilizado por ideologias que a utilizaram como forma de discriminar e desassociar do que se tinha enquanto um espaço de representação e referência cultural, assumir o direito de, por intermédio da literatura, defender-se, permitindo com que suas próprias vozes fossem ouvidas e que novas perspectivas sobre as periferias e seus moradores fossem evidenciadas e valorizadas, dá a este movimento uma atuação política de resistência e ocupação discursiva, na qual:

Os marginais têm, através da Literatura Marginal, empreendido sua luta que, mais do que por cidadania ou melhores condições de vida, é por seu reconhecimento enquanto agentes capazes de expressarem sua própria experiência cotidiana e histórica sem a necessidade de mediadores. (NEVES; NEVES, 2015, p. 224).

Tais movimentos permitiram à periferia, por intermédio de sua própria organização coletiva, encontrar meios que provocasse o reconhecimento deste espaço, desassociando a percepção de periferia enquanto lugar de abandono e permitindo que na mesma emergisse uma

proeminência enquanto lugar de enunciação, dado que, se enquanto silenciados apenas sofreram as consequências de um pensamento elitista, enquanto autores

colocam no campo de jogo suas ideias e perspectivas, para que sejam também discutidas e incluídas na agenda da construção do país. (NEVES; NEVES, 2015, p. 216).

A Literatura Marginal representa um movimento de resistência e porta voz estético e ideológico dos que sempre foram silenciados e classificados a partir da perspectiva do outro, permitindo a existência de uma nova significação à periferia, por intermédio do fortalecimento coletivo de uma população marginalizada que apropria para si a denominação, proporcionando um olhar alheio às amarras estabilizadas que deram ao espaço da periferia a conotação de ausência e suspeita, ignorando as potencialidades e a efervescência cultural e representativa viventes em seu meio. A própria marginalidade, afinal, é reconquistada:

[...] Na busca pela legitimidade de seu espaço de enunciação os marginais reivindicam para si a ‘marginalidade’ que lhes era atribuída pelos outros, mas a ressignificam. Desta forma, a própria marginalidade de que são sujeitos os empodera, permitindo que sejam reconhecidos enquanto marginais, não mais pelas características negativas atribuídas ao conceito, mas pelas prerrogativas positivas que arrogam a marginalidade e ao ser marginal. (NEVES; NEVES, 2015, p. 225).

Provocando a disseminação de uma imagem coletiva por intermédio da evidenciação dos aspectos políticos e sociais vividos, de maneira a impulsionar e dar vida a periferia em uma perspectiva descentralizada que se movimenta garantindo uma “nova significação ao espaço da periferia, ajudando a criar uma representação positiva do que antes só estava associado à falta, à violência e à precariedade”. (NASCIMENTO, 2006, p. 80).

3.2 Análise: “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus

Neste movimento impulsionado pela Literatura Marginal periférica, definindo-a como ferramenta de resistência política na ressignificação do espaço periférico, contribuindo na existência de uma nova leitura e

representação do mesmo enquanto um espaço cultural e artístico de protagonismo, autonomia e denúncia, propomos a análise de uma obra de Literatura Marginal impulsionada pela artista periférica Carolina Maria de Jesus.

De forma introdutória, o que se observa na interpretação da mesma é que este movimento, ao permitir a existência de uma resignificação do espaço periférico, possui como alvo principal o próprio sujeito periférico: evidenciando um processo interno de fortalecimento coletivo, onde os mesmos, por intermédio de seus relatos e vivências literárias, provocam e abrem caminhos para que a própria população periférica protagonize a reorganização do seu olhar sobre si mesma.

Esta obra, que completa 60 anos de publicação em 2020, representa para o movimento a primeira manifestação de Literatura Marginal periférica existente, em um contexto em que ainda não se havia esta denominação. Quarto de Despejo é uma literatura do gênero autobiográfico escrito pela artista escritora Carolina Maria de Jesus, mulher negra, periférica e mãe solo de três filhos, que reúne em um diário vivências e reflexões do seu cotidiano, transpassando numa linguagem simples, pessoal e metafórica o que sente e o que observa no contexto em que está inserida, rompendo limitações entre o jogo do literário e o real e defendendo a escrita enquanto ferramenta de enunciação e denúncia.

9 AGOSTO. Fui na sapataria retirar os papeis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade. (JESUS, 1960, p. 96).

20 MAIO. Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 1960, p. 35).

Sua relação com a literatura sempre se deu de forma afetuosa, apesar das poucas oportunidades de escolarização vivenciadas. Mesmo diante de toda a bagagem existente por trás de seus escritos e sobre o que escrevia, as palavras eram a armadura necessária para a conexão consigo mesma e para a

preservação de sua memória, que ao mesmo tempo, espelhava as angústias e as vivências de toda uma comunidade.

Nascida em 1914, em Sacramento, região de Minas Gerais, Carolina ocupou uma família de base matrifocal, juntamente com outros sete irmãos, em uma condição social e econômica precária e subsistente. Teve a sorte de frequentar a escola durante o período de dois anos, dando início ao seu processo de alfabetização, imprescindível para seu desenvolvimento leitor e para o afinco pela literatura. Em consequência da busca por condições melhores de sustentabilidade, se muda com a família para Lajeado, ainda em Minas Gerais, não retornando aos estudos desde então, o que é possível observar no seu livro por intermédio da originalidade dos textos, na qual preservando o linguajar e os erros gramaticais da mesma, percebemos o quanto o escasso acesso a educação formal não se sobressaíram a força e a bagagem de provocações que Carolina tinha para escrever.

O livro... me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir [...]. (JESUS, 1996 apud MALLMANN, 2018, p. 23).

23 DE JULHO. Liguei o radio para ouvir o drama. Fiz o almoço e deitei. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça. Mas, eu já conhecia a peça. Comecei fazer o meu diário. De vez em quando parava para repreender os meus filhos. Bateram na porta. Mandeí o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. - Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. (JESUS, 1960, p. 23).

Em 1930 se muda para Franca junto à família e, posteriormente, a São Paulo, influenciada pela morte da mãe e ainda pelas novas estratégias adotadas como forma de sobrevivência e melhores condições de vida. Inicialmente trabalhou como empregada doméstica em algumas residências, na qual foi desvinculada após o início da gestação do seu primeiro filho, que

antecedeu o nascimento de outros dois, na qual Carolina também vivenciou os desafios na criação de filhos de pais ausentes. Fatos que a levaram a encontrar saída, pela falta de aberturas, na favela do Canindé, trabalhando como catadora de papel.

É diante desta realidade, coberta pelos desafios e pelo descaso social ao espaço e aos moradores das periferias, bem como da resistência da mesma, que Carolina intensifica seu processo de escrita, expressando nos papéis sua angústia e encontrando no mesmo um espaço de refúgio para enfrentar e, concomitantemente, denunciar a realidade que se esconde por trás dos grandes centros urbanos.

Tudo que encontrava no lixo que podia ser utilizado ou lido era recolhido, revistas, jornais e cadernos, eram separados para que ela usasse para anotar seu dia a dia. Esses escritos que passaram a ser registrados mais ordenadamente a partir de 1955, iriam compor seu diário, que a partir da sua transformação em livro alterou sua vida. (MALLMANN, 2018, p. 25).

A existência deste material, que retrata as vivências de uma artista negra periférica, evidenciando em sua escrita temáticas e perspectivas que a muito se encontrou silenciada nas histórias oficiais do Brasil, além do distanciamento existente na época entre populações marginalizadas e o acesso a educação formal e a leitura, visto os elevados índices de analfabetismo e as desigualdades sociais que dispunham precárias condições de acesso e permanência escolar, esta obra se faz como uma afronta e, ao mesmo tempo, um gatilho dando o direito e a liberdade destes sujeitos ocuparem os espaços e as ações que até então encontrava-se centralizado nas elites.

O direito a escrita e o acesso a literatura não se deu de forma democrática no processo de constituição do Brasil, mas foram obras como esta que propuseram o nascimento de uma literatura libertadora, que não só falasse sobre a população periférica, como também fosse produzida pela população periférica. Evidenciando como o “fato de mulheres como Carolina assumirem o controle do lápis, no sentido de passarem a registrar a própria história, segundo a sua perspectiva e, ainda, mostrarem-se atuantes nessa história, é de grande representatividade” (SANTOS; SOUZA, 2010, p. 318).

Carolina escreve a própria história e por consequência, a história de outros marginalizados com quem convive, possibilitando que seja lançado um novo olhar sobre a história oficial. E mais do que isso, ela não somente traz os acontecimentos da favela de maneira descritiva, mas os descreve com análises reflexivas, com consciência social, desmonopolizando a escrita. (MALLMANN, 2018, p. 21).

E é por intermédio desse domínio e dessa tomada de poder sobre o acesso a palavra, que Carolina, munida de toda sua consciência da potencialidade e da necessidade de transparecer o que vivia e o que enxergava, levanta a voz, despindo-se de todas as amarras e comodidades para fazer da literatura um espaço de ocupação periférica, tecendo o real numa linguagem poética.

2 SETEMBRO. Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contempla-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos. (JESUS, 1960, p. 106).

O nome que dá título a este livro, na qual constantemente a autora o referencia nas reflexões disponibilizadas no mesmo, faz uma crítica ao não-lugar ocupado pelas periferias no processo de desenvolvimento e constituição das cidades, que a visualizam de forma estereotipada, associando a mesma a referência de um espaço vazio, composto por uma realidade sub-humana e degradante que a utiliza como depósito daquilo e de quem se tem como excluído, associando o ser periférico como se fosse uma condição intrínseca ao indivíduo, que o descaracteriza e faz-se válvula para a justificativa e naturalização desta realidade desigual.

É que em 1948 quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo embaixo das pontes. É por isso que eu

denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. (JESUS, 1993 apud MALLMANN, p. 24).

20 MAIO. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 1960, p. 33).

19 MAIO. As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1960, p. 33).

Esse caráter da obra representando esta movimentação de tomada de voz e descentralização de pautas, constitui em Carolina um caráter mediador na qual ao expressar o que sente e a realidade que vivencia, reúne memórias e condições estruturais que descrevem as vivências de todo um coletivo, promovendo uma relação, muitas vezes implícita, em ao expor suas inquietações, fortalecer todo um grupo que similarmente vivencia e se encontra, construindo uma teia de conexão e refúgio. Demonstrando que sua obra “não funciona apenas como o relato de suas próprias atividades rotineiras; trata-se, no entanto, de um narrar reflexivo daquilo que ocorre à classe marginalizada” (SANTOS, SOUZA, 2010, p. 317).

19 MAIO. Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves devem ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. [...] O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.

19 MAIO. Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro:

- Olha o pão doce, que está na hora do café!

Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. Todas as famílias que residem na favela têm filhos. Aqui residia uma espanhola Dona Maria Puerta. Ela comprou um terreno e começou economisar para fazer a casa. Quando terminou a construção da casa os filhos estavam fracos do pulmão. E são oito crianças.

. . . Havia pessoas que nos visitava e dizia:

- Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo.

. . . Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa. (JESUS, 1960, p. 30).

7 JULHO. Quando vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. (JESUS, 1960, p. 76).

Instigando a percepção de que enxergar a coletividade nas falas de Carolina representa uma autonomia para além da realidade vivida na favela do Canindé, estando vivente e representativa a toda a população periférica, pobre e preta de hoje, que ainda vivência a mesma realidade expressada por Carolina à época da escrita de Quarto de Despejo, uma vez que ao refletir sobre pobreza e as distancias extremas existentes entre as classes sociais, inevitavelmente também se é pauta o lugar e as condições que ocupam as minorias, sobretudo os negros, nesse cenário.

28 MAIO. A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 1960, p. 147).

23 MAIO. Levantei de manhã triste porque estava chovendo. [...] O barraco está numa desordem horrível. É que eu não tenho sabão para lavar as louças. Digo louça por hábito. Mas é as latas. Se tivesse sabão eu ia lavar as roupas. Eu não sou desmanzelada. Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar para cima. Igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela. ...Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles. Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos dirigentes. Vejam só! Até o feijão nos esqueceu.

Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos desprezou foi o fubá. Quando puis a comida o Joao sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia. (JESUS, 1960, p. 38).

14 SETEMBRO. Hoje é o dia da pascoa de Moysés. O Deus dos judeus. Que libertou os judeus até hoje. O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite. E o judeu porque é inteligente. Moysés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É-por isso que os judeus quase todos são ricos. Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós. (JESUS, 1960, p. 107).

A maneira como a narrativa é construída, apesar do tom irônico e metafórico constantemente utilizado, ainda se sente o tom de tristeza implícito a cada fragmento. Carolina construiu uma obra que, além de representar um marco ao domínio da periferia em apropriar e garantir com que fosse si a falar sobre si mesmo, possibilitou o início de um processo de ruptura e reconstrução do sujeito periférico, este denominado autor e também personagem de sua própria história. Demonstrando que quando a própria periferia se coloca a enxergar o seu entorno, refletindo sobre a sua posição na estrutura social, bem como os lugares na qual estão constantemente sendo direcionados, são fatores de extrema importância para a conscientização de como ao ter domínio sobre a sua própria realidade, não se busca mais ofuscar ou relevar as condições precárias e desiguais na qual se encontram inseridos, mas é um caminho para manifestar que a realidade periférica disponibilizada é condição estrutural, que reflete as consequências históricas de ser minoria em uma sociedade racista, machista e hegemônica. Representando como este despertar é o caminho para uma reconstrução do ser periférico que rompe as perspectivas colocadas a si e se reconstrói a partir do que e de onde quer estar. Como impulsionado por Quarto de Despejo: diário de uma favelada.

16 JUNHO. Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o

cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado.

Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1960, p. 58).

3 Considerações finais

Diante do todo exposto, observamos a importância de enxergar o papel da Literatura Marginal na movimentação e evidênciação de um novo processo de construção social a se dar dentro das comunidades periféricas, como uma ferramenta que abre margens para a existência de um sentimento de coletividade que rompe às demandas ideológicas historicamente estabilizadas, responsáveis por naturalizar no imaginário social uma imagem estereotipada e estigmatizada das minorias que a compõem, e que consequentemente, reflete na sua própria negação aos seus corpos, visto que

[...] a forma como se olha no espelho e se auto conceitua pode estar intimamente ligada a algumas normas da sociedade, afinal os seres humanos são frutos de uma imagem social, respondem as exigências de uma normativa sociológica de forma e aparência. É na sociedade e na cultura que aprendem a ser. (FLORIANI; MARCANTI; BRAGGIO, 2010, p. 2).

E quando se há aberturas para a resignificação e construção de novos olhares, ressurge um novo sujeito, bem como uma nova maneira de enxergar e se colocar no mundo, politizando-se nas falas, atitudes, manifestações e conscientemente ou não, nas influências educativas transmitidas às crianças que vivenciam esses espaços. Uma vez que a educação informal é um espaço de referências onde as crianças aprendem e “expressam as informações, costumes, valores etc., de que se apropriaram ao longo de suas experiências pessoais e escolares.” (CRUZ, 2015, p. 269).

De acordo com Cruz (2015), apenas recentemente vem sendo reconhecido a necessidade de se enxergar as potencialidades das crianças enquanto sujeitos críticos, capazes de perceber e interpretar os aspectos que vivencia e observa em suas realidades, bem como, discriminar e expressar seus sentimentos e opiniões acerca de temas e situações que a atravessam,

afetando-as e interferindo em seus processos de reconhecimento e desenvolvimento. (CRUZ, 2015, p. 258).

Demarcando que:

As imagens que fazem de si próprias, destaca a autora, constituem-se de projeções que os adultos e a sociedade fazem delas, envolvendo-as em aspirações e rejeições. [...] A questão crucial é que esta representação da criança transforma-se em realidade à medida que a própria criança passa a se definir tomando como referência o que o adulto e a sociedade esperam dela. (BERNARDES, 1989 apud SILVA, 2015, p. 181)

Dessa maneira, temos que o “complexo processo de construção das identidades étnico-raciais se dá dentro e fora da escola. Há uma multiplicidade de outros espaços além da escola que nos ensinam, cotidianamente, modos de ser e estar no mundo” (ZUBARAN, SILVA, 2012, p. 133), como por exemplo, o bairro, a comunidade e as bagagens familiares que as crianças possuem acesso, por intermédio do processo possibilitado pela educação informal. Nesse sentido, “na interação estabelecida com os outros de sua cultura – familiares, colegas, professores –, a criança vai construindo seu próprio sistema de significação e a sua autoimagem” (SILVA, 2002, p. 15), o que demonstra a importância e a influência que as referências e memórias culturais na qual possui acesso, possui para a sua formação e o seu olhar sobre si mesma.

Enxergando que a concepção de autoimagem aqui colocada é vista como uma prática alicerçada a autoestima, que é construída e organizada internamente, não se fundamentando nas expectativas alheias colocadas sobre o sujeito periférico, mas fundamentada num processo de aprendizagem de se autoconstruir autonomamente, permitindo o nascimento de um conceito saudável e acolhedor de autoconhecimento, que é absorvido e internalizado pela criança de uma maneira que a empodera e desenvolve seu processo de reconhecimento e descobrimento de suas potencialidades e possibilidades. Demonstrando, por sua vez, que esse autoconhecimento só é possível quando se tem referências, representatividade e uma nova imagem construída sobre si.

Ao valorizarmos os atributos de um povo, ao considerarmos e respeitarmos as qualidades de sua cultura, assim como também seus direitos de expressão e, enfim, a manifestação do sujeito e de seu coletivo, sempre que houver liberdade diante disso, o ambiente torna-se propício para que o sentimento de autoestima se manifeste. (JULIO, 2011, p. 63).

Diante deste cenário, percebemos que quando se é alcançado o sentimento de pertencimento e todo o despertar provocado pela movimentação e organização coletiva das comunidades periféricas a partir da apropriação e fruição da Literatura Marginal como ferramenta que contribui nesse processo, enxergamos aí não um fim, mas o início de um processo de continuidade, na qual a própria comunidade passa a ser a ferramenta principal de mediação na educação e formação de novos sujeitos e crianças, que crescerão cada vez mais conscientizados e politizados do seu papel e da sua representatividade, entendendo que:

O significado das ações humanas e os sentidos produzidos nas práticas sociais são múltiplos e tornam-se significativos para os sujeitos, de acordo com as posições e os modos de participação deles nas relações sociais que estabelecem. Sendo assim, a apropriação destas práticas torna-se essencialmente uma questão de pertencer e participar das mesmas, onde o sujeito, na dependência e na diferenciação do outro, se constitui nas relações significativas com esse outro. Nesse sentido, a ação partilhada, a interação, imitação e o afeto exercem papel fundamental no processo do desenvolvimento humano, e este processo se dá de 'forma permanente e indeterminável, do nascimento à morte, dando-se em todo ciclo vital, em ambientes estruturados pela cultura, regulados pelo meio social e marcados pela história da humanidade, na singularidade de cada sujeito' (VASCONCELLOS, 2002 apud SILVA, 2002, p. 10).

Reflexões estas que nos fazem perceber a abrangência da temática, que não se pretende ser esgotada, apenas introduzida neste trabalho.

Referências

CRUZ, Silvia Helena Vieira. A percepção sobre a discriminação étnico-racial entre crianças do Brasil, Colômbia e Peru. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 9, n. 2, p. 249-275, 2015.

DICIO. Dicionário: marginal. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/marginal/>. Acesso em: 3 set. 2020.

FLORIANI, Flávia Monique; MARCANTE, Márgara Dayana da Silva; BRAGGIO, Laércio Antônio. *Auto-estima e auto-imagem: a relação com a estética*. 2010. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Flavia%20Monique%20Floriani,%20M%C3%A1rgara%20Dayana%20da%20Silva%20Marcante.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.

FRANCO, Marielle. *UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) - UFF, Niterói/RJ, 2014.

FRANÇA, Vera. Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 7, p. 1-10, jul./dez. 2001.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Edição Popular, 1960. Disponível em: https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2019/02/edoc.site_1960-quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesuspdf.pdf. Acesso em: 1 out. 2020.

JULIO, Ana Luiza. Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo/RS, v. 24, jan./abr. 2011.

LESSA, Marcelo de Lima. Tiros contra a polícia: resistência ou homicídio? Jus. jul. 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/75459/tiros-contr-a-policia-resistencia-ou-homicidio#:~:text=Elaborado%20em%2007%2F2019%20.&text=O%20marginal%20em%20fuga%20que,resist%C3%Aancia%20e%20homic%C3%ADdio%20em%20concurso%3F&text=%C3%89%20a%20chamada%20resist%C3%Aancia%20ativa,o%20crime%20n%C3%A3o%20se%20consoma>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MAIOLINO, A. L.; MANCEBO, D. Análise histórica da desigualdade: marginalidade, segregação e exclusão. *Psicologia & Sociedade*, 17 (2): 14-20; mai./ago. 2005.

MALLMANN, Alda Cristina. *Perspectivas de Carolina Maria de Jesus: uma análise e Quarto de Despejo em seu contexto histórico*. 2018. Monografia (TCC em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do Nascimento. “*Literatura Marginal*”: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo. 2006.

NEVES, Laís Mendes Botelho das; NEVES, Jonas Anderson Simões das. A Marginalidade Enquanto Identidade: A Literatura de Periferia e o Empoderamento Cultural de Seus Sujeitos. *Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, v. 2, n. 1, p. 213-228, 2016.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

[PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.](#)

SANTOS, Maricélia Nunes; SOUZA, Wagner. *Quarto de Despejo: manifestação do discurso feminino na Literatura Brasileira*. 2010. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:IsfyxRPrhW4J:e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4750+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 5 out. 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

SILVA, Vera Lúcia Neri. *As interações sociais e a formação da identidade da criança negra*. 2002. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7UKrneDFJDsJ:27reuniao.anped.org.br/gt07/t079.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ZUBARAN, Maria Angélica; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Interloquções sobre estudos afro-brasileiros: Pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 130-140, jan./abr. 2012.

Submetido em: 20/01/2021

Aceito em: 04/05/2021

Publicado em: 11/10/2021